

AFETIVIDADE E INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

AFFECTIVITY AND SCHOOL INCLUSION OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THEORETICAL CONTRIBUTIONS TO MEANINGFUL LEARNING

AFECTIVIDAD E INCLUSIÓN ESCOLAR DE NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: CONTRIBUCIONES TEÓRICAS PARA EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO

Girleene Cordeiro Cavalcante Lima¹

Leandro Lima Silva²

Cláudia Maria de Souza³

RESUMO: A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se consolidado como uma das principais discussões contemporâneas no campo educacional, especialmente no que se refere à construção de práticas pedagógicas capazes de assegurar não apenas o acesso, mas também a permanência, a participação e a aprendizagem significativa desses estudantes no contexto escolar. Nesse cenário, a afetividade emerge como elemento fundamental das relações educativas, influenciando diretamente os processos de desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças na Educação Infantil. O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da afetividade no processo de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista, discutindo suas contribuições para a aprendizagem significativa no contexto da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, documentos legais e produções acadêmicas relacionadas à educação inclusiva, ao Transtorno do Espectro Autista e à afetividade no processo educativo. Os resultados evidenciam que práticas pedagógicas pautadas na escuta sensível, no acolhimento, na construção de vínculos e no respeito às singularidades favorecem o desenvolvimento integral das crianças com TEA, fortalecendo sua participação nas atividades escolares e ampliando suas possibilidades de aprendizagem. Conclui-se que a afetividade constitui dimensão estruturante da prática pedagógica inclusiva e elemento indispensável para a consolidação de uma educação mais humana, equitativa e inclusiva.

Palavras-chave: Afetividade. Educação Inclusiva. Transtorno do Espectro Autista.

¹ Mestranda em Neuroeducação.

² Mestrando em Educação com especialização na área de TIC's aplicadas à Educação.

³ Doutora em Ciências da Educação. Docente de Instituições de Ensino Superior e da Veni Creator Christian University.

ABSTRACT: The school inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) has become one of the main contemporary discussions in the educational field, especially regarding the construction of pedagogical practices capable of ensuring not only access, but also permanence, participation, and meaningful learning of these students within the school context. In this scenario, affectivity emerges as a fundamental element of educational relationships, directly influencing the cognitive, emotional, and social development processes of children in Early Childhood Education. This article aims to analyze the importance of affectivity in the school inclusion process of children with Autism Spectrum Disorder, discussing its contributions to meaningful learning in Early Childhood Education. This is a qualitative bibliographic study developed through the analysis of books, scientific articles, legal documents, dissertations, and theses published between 2010 and 2025, in Portuguese, English, and Spanish, related to inclusive education, affectivity, and Autism Spectrum Disorder. As inclusion criteria, academic productions that directly addressed affectivity in inclusive pedagogical practices and its contributions to the development of meaningful learning in children with ASD were selected. Studies that did not present a direct relationship with the investigated theme, duplicated productions, and works without consistent scientific foundation were excluded. The results show that pedagogical practices based on sensitive listening, welcoming, bond-building, and respect for singularities favor the integral development of children with ASD, strengthening their participation in school activities and expanding their learning possibilities. It is concluded that affectivity constitutes a structuring dimension of inclusive pedagogical practice and an indispensable element for consolidating a more human, equitable, and inclusive education.

Keywords: Affectivity. Inclusive Education. Autism Spectrum Disorder.

2

RESUMEN: La inclusión escolar de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) se ha consolidado como una de las principales discusiones contemporáneas en el campo educativo, especialmente en lo que se refiere a la construcción de prácticas pedagógicas capaces de garantizar no solo el acceso, sino también la permanencia, la participación y el aprendizaje significativo de estos estudiantes en el contexto escolar. En este escenario, la afectividad emerge como un elemento fundamental de las relaciones educativas, influyendo directamente en los procesos de desarrollo cognitivo, emocional y social de los niños en la Educación Infantil. El presente artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la afectividad en el proceso de inclusión escolar de niños con Trastorno del Espectro Autista, discutiendo sus contribuciones al aprendizaje significativo en la Educación Infantil. Se trata de una investigación cualitativa, de naturaleza bibliográfica, desarrollada a partir del análisis de libros, artículos científicos, documentos legales, disertaciones y tesis publicadas entre los años 2010 y 2025, en lengua portuguesa, inglesa y española, relacionadas con la educación inclusiva, la afectividad y el Trastorno del Espectro Autista. Como criterios de inclusión, se seleccionaron producciones académicas que abordaran directamente la afectividad en las prácticas pedagógicas inclusivas y sus contribuciones al desarrollo del aprendizaje significativo de niños con TEA. Fueron excluidos trabajos que no presentaban relación directa con la temática investigada, producciones duplicadas y estudios sin fundamentación científica consistente. Los resultados evidencian que las prácticas pedagógicas basadas en la escucha sensible, la acogida, la construcción de vínculos y el respeto por las singularidades favorecen el desarrollo integral de los niños con TEA, fortaleciendo su participación en las actividades escolares y ampliando sus posibilidades de aprendizaje. Se concluye que la afectividad constituye una dimensión estructurante de la

práctica pedagógica inclusiva y un elemento indispensable para la consolidación de una educación más humana, equitativa e inclusiva.

Palabras clave: Afectividad. Educación Inclusiva. Trastorno del Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a educação inclusiva deixou de ser compreendida apenas como garantia de matrícula de estudantes com deficiência nas escolas regulares e passou a ser discutida como um compromisso ético, social e pedagógico com a construção de ambientes escolares mais humanos e acessíveis. Nesse contexto, a presença de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil tem provocado importantes reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar, especialmente no que se refere à necessidade de reconhecer as singularidades de cada estudante e promover experiências de aprendizagem verdadeiramente significativas.

Embora os avanços legais tenham ampliado o acesso das crianças com deficiência ao ensino regular, a efetivação da inclusão ainda representa um dos grandes desafios da educação contemporânea. Muitas escolas continuam reproduzindo práticas pedagógicas padronizadas, centradas em modelos homogêneos de aprendizagem que desconsideram os diferentes modos de desenvolvimento, comunicação e interação presentes no ambiente escolar. Como consequência, estudantes com Transtorno do Espectro Autista frequentemente enfrentam dificuldades relacionadas não apenas ao acesso ao currículo, mas também à participação nas atividades, à construção de vínculos e ao sentimento de pertencimento dentro da escola.

O Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por alterações no neurodesenvolvimento que impactam principalmente a comunicação social, os processos interativos e os padrões comportamentais. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), o TEA manifesta-se em diferentes níveis de intensidade, exigindo estratégias pedagógicas flexíveis e sensíveis às necessidades específicas de cada criança. Nesse cenário, a Educação Infantil assume papel fundamental, uma vez que constitui uma etapa marcada pelo desenvolvimento das relações sociais, emocionais, cognitivas e afetivas.

Ao discutir a inclusão escolar de crianças com TEA, torna-se impossível ignorar a importância da afetividade nas relações pedagógicas. Mais do que um aspecto complementar da prática docente, a afetividade está diretamente relacionada à forma como a criança percebe a

escola, estabelece vínculos, desenvolve segurança emocional e participa das experiências de aprendizagem. Em muitos casos, é justamente a qualidade das relações construídas no ambiente escolar que possibilita à criança sentir-se acolhida, respeitada e capaz de aprender.

Wallon (2007) compreende a afetividade como dimensão constitutiva do desenvolvimento humano, afirmando que emoção, cognição e relações sociais não podem ser dissociadas no processo de aprendizagem. Nessa mesma perspectiva, Vygotsky (2001) destaca que o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais, sendo a aprendizagem profundamente influenciada pelas experiências construídas nas relações com o outro. Tais contribuições tornam-se particularmente relevantes quando se pensa na escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista, cujas experiências de interação e comunicação frequentemente exigem maior sensibilidade por parte da escola e dos professores.

Freire (1996), ao defender uma educação fundamentada no diálogo, na escuta e no respeito à dignidade humana, também contribui para a compreensão da afetividade como elemento essencial do trabalho pedagógico. Para o autor, ensinar não significa apenas transmitir conteúdos, mas construir relações humanas capazes de favorecer autonomia, confiança e participação. Assim, pensar a inclusão escolar implica reconhecer que os processos de aprendizagem não acontecem isoladamente, mas são atravessados pelas emoções, pelas relações interpessoais e pelas experiências de acolhimento vivenciadas no cotidiano escolar.

4

No contexto da Educação Infantil, práticas pedagógicas pautadas no cuidado, na escuta sensível e na valorização das singularidades tornam-se ainda mais importantes, especialmente para crianças com TEA. Estratégias como organização previsível da rotina, utilização de recursos visuais, mediação individualizada e construção de vínculos afetivos contribuem significativamente para reduzir inseguranças, ampliar as possibilidades de interação e fortalecer a participação das crianças nas atividades escolares. Conforme Mantoan (2015), a inclusão escolar exige não apenas adaptações metodológicas, mas mudanças na própria cultura educacional, superando práticas excludentes historicamente naturalizadas no ambiente escolar.

Além disso, estudos recentes apontam que ambientes emocionalmente seguros favorecem o desenvolvimento da aprendizagem significativa, especialmente em crianças que apresentam dificuldades relacionadas à comunicação e à interação social. Bosa (2019) ressalta que a afetividade influencia diretamente o desenvolvimento emocional e social de crianças com Transtorno do Espectro Autista, contribuindo para maior envolvimento nas experiências pedagógicas e fortalecimento das relações interpessoais no ambiente escolar.

Diante dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância da afetividade no processo de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista, discutindo suas contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem significativa na Educação Infantil. Busca-se compreender, a partir da literatura especializada, de que maneira as relações afetivas influenciam os processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, sensíveis e humanizadas.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos, dissertações, teses, legislações educacionais e demais produções acadêmicas relacionadas à afetividade, à educação inclusiva, ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e à aprendizagem significativa na Educação Infantil. A escolha dessa abordagem fundamenta-se na compreensão de que os fenômenos educacionais envolvem dimensões sociais, emocionais, culturais e pedagógicas que não podem ser analisadas apenas sob perspectivas quantitativas, exigindo interpretação crítica e reflexiva das relações humanas presentes no contexto escolar.

Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com significados, valores, crenças e experiências humanas, possibilitando compreender fenômenos complexos que fazem parte do cotidiano educacional. Nesse sentido, a abordagem qualitativa mostra-se pertinente para discutir as relações entre afetividade, inclusão escolar e aprendizagem significativa de crianças com Transtorno do Espectro Autista, considerando que tais dimensões estão diretamente relacionadas às interações sociais, às práticas pedagógicas e aos processos de desenvolvimento humano.

A pesquisa bibliográfica permitiu reunir contribuições teóricas clássicas e contemporâneas acerca da inclusão escolar, das práticas pedagógicas afetivas e das especificidades do Transtorno do Espectro Autista no contexto educacional. Conforme Gil (2019), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e documentos acadêmicos, possibilitando ao pesquisador ampliar conhecimentos e construir análises fundamentadas teoricamente sobre determinado objeto de estudo.

O levantamento bibliográfico foi realizado entre os meses de janeiro e abril de 2025, utilizando produções publicadas entre os anos de 2010 e 2025, em língua portuguesa, inglesa e

espanhola. Foram consultadas bases de dados e plataformas acadêmicas como Google Acadêmico, SciELO, Periódicos CAPES e Redalyc, utilizando descritores como “afetividade”, “educação inclusiva”, “Transtorno do Espectro Autista”, “aprendizagem significativa”, “Educação Infantil” e “inclusão escolar”.

Como critérios de inclusão, foram selecionados artigos científicos, livros, dissertações e teses que abordassem diretamente a afetividade no contexto da educação inclusiva e suas contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem significativa de crianças com TEA. Também foram incluídos documentos legais e normativos relacionados à educação inclusiva brasileira. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos duplicados, estudos sem relação direta com a temática investigada, produções sem rigor científico e publicações anteriores ao recorte temporal estabelecido, exceto obras clássicas consideradas fundamentais para a compreensão teórica do estudo, como Wallon (2007), Vygotsky (2001) e Freire (1996).

Foram utilizados como referenciais teóricos autores que discutem a afetividade no desenvolvimento humano e na prática pedagógica, como Wallon (2007), Vygotsky (2001) e Freire (1996), além de pesquisadores contemporâneos do campo da educação inclusiva e do Transtorno do Espectro Autista, como Mantoan (2015), Pletsch (2018), Bosa (2019), Mendes (2019), Gatti (2019), Capellini et al. (2021) e Orrú (2017). Também foi incorporada a contribuição internacional de Grandin e Panek (2015), cujos estudos discutem aspectos cognitivos, emocionais e educacionais relacionados ao espectro autista, ampliando o diálogo teórico da pesquisa para além do contexto nacional.

Além das obras acadêmicas, foram analisados documentos legais e normativos relacionados à educação inclusiva, incluindo a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996, a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 e a Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana. A inclusão desses documentos permitiu compreender os avanços legais relacionados aos direitos educacionais das pessoas com deficiência e às políticas públicas voltadas à inclusão escolar.

A análise do material selecionado ocorreu por meio de leitura exploratória, analítica e interpretativa, buscando identificar categorias temáticas relacionadas à afetividade, às práticas pedagógicas inclusivas, à mediação docente e à aprendizagem significativa. Conforme Severino (2017), a análise bibliográfica exige interpretação crítica do material consultado, permitindo ao pesquisador estabelecer relações entre diferentes perspectivas teóricas e construir novas compreensões acerca do fenômeno investigado.

A partir desse percurso metodológico, buscou-se desenvolver uma reflexão teórica crítica sobre a importância da afetividade no processo de inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil, compreendendo que práticas pedagógicas pautadas no acolhimento, na escuta sensível e na valorização das singularidades contribuem significativamente para o fortalecimento da aprendizagem significativa e para a consolidação de uma educação inclusiva mais humana, democrática e equitativa.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

As discussões sobre educação inclusiva têm ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente a partir do fortalecimento das políticas públicas voltadas ao reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência. No Brasil, importantes avanços legais contribuíram para ampliar o acesso de estudantes com deficiência ao ensino regular, promovendo mudanças nas práticas educacionais e nos debates acerca da construção de uma escola mais democrática e acessível.

A Constituição Federal de 1988 assegura a educação como direito de todos, defendendo igualdade de condições para acesso e permanência na escola (BRASIL, 1988). Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/1996 reforçou a necessidade de atendimento educacional especializado aos estudantes com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Mais recentemente, a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 consolidou importantes garantias relacionadas à acessibilidade, à participação social e ao direito à educação inclusiva.

7

Nesse contexto, o Transtorno do Espectro Autista passou a ocupar lugar central nas discussões educacionais, especialmente após a promulgação da Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais. Tal reconhecimento fortaleceu o debate sobre inclusão escolar e ampliou a necessidade de construção de práticas pedagógicas capazes de atender às especificidades desses estudantes.

Segundo o DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013), o Transtorno do Espectro Autista caracteriza-se por alterações persistentes na comunicação social, nas interações interpessoais e nos padrões comportamentais, manifestando-se em diferentes níveis de intensidade. Essas características exigem da escola práticas pedagógicas flexíveis e sensíveis às necessidades individuais das crianças.

Apesar dos avanços legais relacionados à educação inclusiva, a efetivação da inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista ainda enfrenta desafios significativos no cotidiano educacional. Muitas instituições escolares permanecem estruturadas a partir de modelos pedagógicos homogêneos, que pouco consideram as singularidades presentes nos diferentes processos de desenvolvimento e aprendizagem. Nesse contexto, dificuldades relacionadas à adaptação curricular, à mediação pedagógica e à formação docente continuam interferindo diretamente na participação e no desenvolvimento dos estudantes com TEA no ambiente escolar.

Pesquisas recentes evidenciam que muitos professores demonstram insegurança diante das demandas pedagógicas e comportamentais relacionadas ao atendimento de estudantes autistas, especialmente em razão da ausência de formação específica voltada à educação inclusiva. Weizenmann et al. (2020) destacam que a inclusão escolar de alunos com TEA exige não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade para compreender diferentes formas de comunicação, interação e aprendizagem presentes no espectro autista. Segundo os autores, práticas pedagógicas acolhedoras e relações afetivas positivas favorecem significativamente o desenvolvimento emocional e social desses estudantes.

Mantoan (2015) afirma que a inclusão escolar exige mudanças estruturais e culturais no interior das instituições educacionais, superando práticas excludentes historicamente naturalizadas no ambiente escolar. Para a autora, incluir não significa apenas permitir o acesso físico à escola, mas garantir participação, pertencimento e oportunidades reais de aprendizagem para todos os estudantes.

8

No caso das crianças com TEA, a inclusão exige atenção às formas singulares de comunicação, socialização e desenvolvimento. Orrú (2017) destaca que práticas pedagógicas inclusivas devem considerar as especificidades do espectro autista, utilizando estratégias como organização previsível das rotinas, recursos visuais, mediação individualizada e adaptação das atividades pedagógicas. Tais estratégias favorecem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a construção de relações mais seguras e acolhedoras no ambiente escolar.

Dessa forma, pensar a inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista implica compreender que a aprendizagem não ocorre apenas por meio de adaptações curriculares, mas também através das relações humanas estabelecidas no cotidiano escolar. Nesse cenário, a afetividade emerge como elemento essencial para fortalecer vínculos, ampliar possibilidades de participação e contribuir para o desenvolvimento integral das crianças.

A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A aprendizagem significativa constitui um dos principais objetivos da prática pedagógica, especialmente na Educação Infantil, etapa em que as experiências vivenciadas pelas crianças influenciam diretamente seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. No contexto da educação inclusiva, compreender os fatores que favorecem a construção da aprendizagem significativa torna-se ainda mais importante, sobretudo quando se trata de estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

Segundo Ausubel (2003), a aprendizagem significativa ocorre quando novos conhecimentos estabelecem relações com experiências e conhecimentos previamente construídos pelo sujeito. Isso significa que aprender não corresponde apenas à memorização de conteúdos, mas à capacidade de atribuir sentido às experiências vivenciadas. Nesse processo, fatores emocionais e afetivos exercem influência direta sobre a maneira como a criança se envolve nas atividades pedagógicas e constrói relações com o conhecimento.

No caso das crianças com Transtorno do Espectro Autista, a construção da aprendizagem significativa depende, em grande medida, da qualidade das relações estabelecidas no ambiente escolar. Ambientes emocionalmente seguros favorecem o desenvolvimento da comunicação, da interação social e da participação nas atividades pedagógicas, ampliando as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento integral.

Wallon (2007) afirma que emoção e cognição constituem dimensões inseparáveis da experiência humana. Para o autor, as experiências afetivas influenciam diretamente os processos de atenção, memória e aprendizagem, evidenciando que o desenvolvimento intelectual não ocorre dissociado das emoções. Dessa forma, práticas pedagógicas pautadas no acolhimento e na construção de vínculos afetivos contribuem significativamente para fortalecer o envolvimento das crianças nas experiências escolares.

Estudos contemporâneos também demonstram que crianças com TEA tendem a apresentar respostas mais positivas quando inseridas em ambientes organizados, previsíveis e afetivamente seguros. Bosa (2019) ressalta que a construção de vínculos afetivos favorece a redução da ansiedade, amplia as possibilidades de interação social e fortalece o engajamento das crianças nas atividades pedagógicas.

Além dos aspectos emocionais envolvidos no processo educativo, pesquisas recentes indicam que práticas pedagógicas individualizadas e mediadas por relações afetivas favorecem significativamente o desenvolvimento social e cognitivo de estudantes com TEA. Farias e

Maranhão (2008) destacam que a interação entre professor e aluno constitui elemento essencial para a inclusão escolar, especialmente quando as práticas pedagógicas consideram as formas singulares de comunicação e participação da criança autista no ambiente escolar. Segundo as autoras, a construção de vínculos afetivos positivos favorece maior envolvimento da criança nas atividades propostas, fortalecendo sua autonomia e participação no contexto educativo.

Freire (1996) defende que ensinar exige respeito à autonomia e à dignidade dos educandos. Nessa perspectiva, a afetividade não deve ser compreendida como prática assistencialista ou excessivamente emocional, mas como dimensão ética da relação pedagógica. O acolhimento, a escuta sensível e o reconhecimento das singularidades tornam-se elementos fundamentais para que o estudante se sinta pertencente ao ambiente escolar e capaz de participar ativamente das experiências de aprendizagem.

As discussões contemporâneas sobre o Transtorno do Espectro Autista também têm contribuído para superar visões reducionistas que associam o estudante apenas às limitações impostas pelo diagnóstico clínico. Atualmente, diferentes estudos defendem a necessidade de compreender as potencialidades, formas de percepção e modos singulares de aprendizagem das pessoas autistas, reconhecendo que cada sujeito estabelece relações próprias com o ambiente, com a linguagem e com o conhecimento.

10

Nessa perspectiva, Grandin e Panek (2015) ressaltam que pessoas com Transtorno do Espectro Autista apresentam formas específicas de organização do pensamento e interpretação da realidade, exigindo da escola práticas pedagógicas mais sensíveis, flexíveis e individualizadas. Os autores defendem que ambientes acolhedores e emocionalmente seguros favorecem o desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais e comunicativas, contribuindo para experiências educacionais mais inclusivas e significativas.

Assim, a afetividade configura-se como elemento indispensável para a construção da aprendizagem significativa de crianças com Transtorno do Espectro Autista, contribuindo para fortalecer vínculos, ampliar possibilidades de interação e favorecer experiências educativas mais humanas, inclusivas e transformadoras.

DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA

Apesar dos avanços relacionados às políticas públicas de inclusão escolar, a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas ainda representa um desafio significativo para muitas instituições de ensino. A presença de estudantes com Transtorno do Espectro Autista nas

escolas regulares exige mudanças que ultrapassam adaptações curriculares, envolvendo transformações na cultura escolar, na formação docente e nas relações construídas no cotidiano educativo.

Um dos principais desafios identificados na literatura refere-se à formação de professores para atuação no contexto da educação inclusiva. Gatti (2019) destaca que muitos docentes ainda se sentem inseguros diante das demandas relacionadas ao atendimento de estudantes com deficiência, especialmente em relação às especificidades do Transtorno do Espectro Autista. A ausência de formação continuada e de suporte pedagógico adequado dificulta a construção de práticas mais acessíveis e sensíveis às necessidades dos estudantes.

Estudos desenvolvidos no campo da educação inclusiva evidenciam que muitos professores ainda associam a inclusão escolar de estudantes com TEA à necessidade exclusiva de apoio especializado, demonstrando dificuldades para adaptar metodologias e estratégias pedagógicas no ensino regular. Benitez et al. (2021) ressaltam que a consolidação de práticas inclusivas depende não apenas de recursos institucionais, mas também de mudanças nas atitudes sociais e pedagógicas dos profissionais da educação diante da diversidade presente no ambiente escolar. Segundo os autores, a construção de ambientes inclusivos exige que os educadores desenvolvam posturas mais flexíveis, acolhedoras e comprometidas com o respeito às diferenças.

11

Pletsch (2018) afirma que a formação docente precisa ultrapassar perspectivas estritamente teóricas, aproximando-se das experiências concretas vivenciadas no cotidiano escolar. Segundo a autora, a construção de práticas inclusivas depende da capacidade de reflexão crítica dos professores sobre suas ações pedagógicas, suas concepções de aprendizagem e suas relações com a diversidade.

Outro desafio importante refere-se às condições estruturais das instituições escolares. Muitas escolas ainda apresentam limitações relacionadas à acessibilidade, à organização dos espaços e à disponibilidade de recursos pedagógicos adaptados. Além disso, a existência de turmas numerosas e a ausência de equipes multiprofissionais dificultam o acompanhamento individualizado das crianças com TEA.

A parceria entre escola e família também aparece como aspecto fundamental para a consolidação da inclusão escolar. Mendes (2019) ressalta que o diálogo entre professores e familiares favorece maior compreensão das necessidades da criança, contribuindo para a construção de estratégias pedagógicas mais coerentes e eficazes. Quando escola e família atuam

de forma colaborativa, as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem tornam-se mais amplas e significativas.

Diante desses desafios, torna-se necessário compreender que a inclusão escolar não depende apenas de legislações ou documentos normativos, mas da construção cotidiana de práticas pedagógicas pautadas no respeito às diferenças, na escuta sensível e na valorização da diversidade humana. Nesse processo, a afetividade assume papel central, fortalecendo vínculos, ampliando possibilidades de interação e contribuindo para a construção de ambientes escolares mais humanos, democráticos e inclusivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista representa um dos grandes desafios da educação contemporânea, especialmente no que se refere à construção de práticas pedagógicas capazes de assegurar não apenas o acesso à escola, mas também a permanência, a participação e o desenvolvimento da aprendizagem significativa desses estudantes. Ao longo deste estudo, buscou-se compreender de que maneira a afetividade influencia os processos de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, considerando as especificidades do desenvolvimento infantil e as necessidades relacionadas ao contexto da educação inclusiva.

12

As discussões teóricas analisadas evidenciaram que a afetividade ocupa lugar central na constituição das relações pedagógicas e no desenvolvimento humano. Mais do que um aspecto complementar da prática docente, a afetividade mostrou-se elemento estruturante da aprendizagem, influenciando diretamente a construção de vínculos, a segurança emocional, a participação nas atividades escolares e o desenvolvimento cognitivo e social das crianças com Transtorno do Espectro Autista.

Os estudos analisados permitiram compreender que ambientes escolares acolhedores, organizados e emocionalmente seguros favorecem significativamente o desenvolvimento das crianças com TEA, ampliando suas possibilidades de interação social, comunicação e aprendizagem. Nesse sentido, práticas pedagógicas pautadas na escuta sensível, no respeito às singularidades e na valorização das potencialidades dos estudantes tornam-se fundamentais para a construção de experiências educacionais mais inclusivas e humanizadas.

A pesquisa também evidenciou que a efetivação da inclusão escolar ainda enfrenta desafios relacionados à formação docente, às condições estruturais das instituições de ensino e

à necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas à educação inclusiva. Muitos professores ainda demonstram insegurança diante das especificidades do Transtorno do Espectro Autista, revelando a importância da ampliação de processos formativos que contemplem não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões éticas, afetivas e relacionais da prática pedagógica.

Outro aspecto importante identificado ao longo da discussão refere-se à necessidade de superação de concepções reducionistas sobre o autismo, compreendendo que estudantes com TEA possuem diferentes formas de perceber, interpretar e interagir com o mundo. Reconhecer essas singularidades implica construir práticas pedagógicas mais flexíveis, acessíveis e comprometidas com a valorização da diversidade humana no ambiente escolar.

Dessa forma, conclui-se que a afetividade constitui dimensão indispensável para o fortalecimento da aprendizagem significativa de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. A construção de vínculos afetivos positivos favorece não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a autonomia, a confiança, a socialização e o sentimento de pertencimento das crianças no espaço escolar.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as reflexões acerca da importância das relações afetivas na educação inclusiva, incentivando a construção de práticas pedagógicas mais humanas, democráticas e comprometidas com o desenvolvimento integral de todos os estudantes. Também se espera que novas pesquisas aprofundem as discussões sobre afetividade, inclusão escolar e Transtorno do Espectro Autista, fortalecendo a produção científica e os debates educacionais voltados à construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AUSUBEL, David Paul. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003.

BENITEZ, Priscila et al. *Atitudes sociais de agentes educacionais em relação à inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 27, 2021.

BOSA, Cleonice Alves. *Autismo: intervenções psicoeducacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 2010.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 28 dez. 2012.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho et al. **Educação inclusiva: fundamentos, políticas e práticas escolares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 14, n. 3, p. 365-384, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 40, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRANDIN, Temple; PANEK, Richard. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro et al. **O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com Transtorno do Espectro Autista nas escolas regulares: uma revisão de teses e dissertações**. *Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 28, n. 29, p. 5-23, 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **Inclusão escolar e formação docente no Brasil**. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, p. 1-17, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

PLETSCH, Márcia Denise. **Educação inclusiva e formação docente: desafios e possibilidades.** *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 11-24, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEIZENMANN, Livia da Silva et al. **Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes.** *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 24, 2020.